

Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Departamento de História
Disciplina HH 719 (Tópicos Especiais em História): A figura feminina no século XIX /Prof.
Martinho Alves da Costa Júnior

Giovanna Milanez de Castro

R.A.: 074069

Trabalho final – Análise da obra *O nascimento de Vênus*, de Alexandre Cabanel



O nascimento de Vênus, de Alexandre Cabanel (1863). Óleo sobre tela (130X225 cm). Museu d'Orsay, Paris.

Introdução

Neste trabalho será feita uma análise da pintura de Alexandre Cabanel, *O nascimento de Vênus*. Primeiramente, a tentativa será a de captar o que está colocado na obra e as possíveis interpretações que podem ser feitas. Depois, a idéia é a de focar o autor, seu estilo de pintura e as particularidades dessa estética refletidas na obra. Por fim, falar um pouco das representações de Vênus do século XIX vistas ao longo do curso.

O quadro

Primeiramente, é necessário entender o contexto do que está representado no quadro. Para tanto, é necessário retomar o mito de nascimento de Vênus. Pertencente ao panteão

romano, numa equivalência à deusa Afrodite do panteão grego, Vênus era tida como a deusa do Amor e da Beleza. Seu surgimento é explicado por várias versões diferentes dentro da crença mitológica: segundo Hesíodo, ela deriva das espumas do mar. Já Homero a coloca como filha de Zeus e Dione¹. Outra versão que permeia o imaginário mitológico é a de que ela foi gerada quando Urano foi castrado por seu filho Cronos a pedido de sua mãe Gaia: as genitálias cortadas do pai caíram ao mar, e imediatamente as águas começaram a ferver e espumar, fazendo Vênus surgir. Sobre esta última versão, algumas variantes colocam que ela surgiu de dentro de uma concha de madrepérola; em outras, a tal concha não existe.

O quadro de Cabanel aqui retratado tem como inspiração e temática o nascimento de Vênus das águas do mar. Primeiramente, faz-se necessária uma descrição dele: o cenário deixa dúvidas se o trecho é de alto-mar ou de praia dada a calmaria das ondas, com exceção de uma que se destaca pela formação de espuma. A coloração do céu indica um sol nascente. Bem ao fundo do quadro pode-se notar a presença de uma ilha. Em destaque, no primeiro plano e deitada sobre as águas espumadas, está Vênus nua. Seu rosto mostra a serenidade de quem está dormindo, mas um dos olhos está aberto. Acima dela estão cinco anjinhos que cobrem toda sua extensão.

A versão do mito que inspirou Cabanel em sua pintura pode ser uma mescla entre duas versões: a que diz que Vênus surgiu da espuma das águas ou a que a coloca como vinda de Urano. A presença apenas da espuma não permite chegar a uma conclusão exata sobre a forma de seu surgimento: sabe-se apenas que ela deriva das águas (e talvez isso explique a capacidade que ela tem de não se misturar com a água: ela deita sobre elas como se fosse algo plano, que serve de berço). O sol nascente no plano esquerdo do quadro dá destaque à personagem principal, ao mesmo tempo em que remete ao seu nascimento, ao seu despertar. A ilha ao fundo, quase imperceptível, pode ser simplesmente uma menção mundana, ou também pode ter relação com algumas versões do mito que colocam que, depois de nascida, Vênus foi levada para a ilha de Chipre, local onde se iniciou seu culto.

Vênus é a personagem principal deste quadro, centralizada, destacada pela onda que a eleva, a exhibe. A beleza da deusa já era característica descrita nas várias versões do mito, e aqui não é diferente: sua pele branca e seus longos cabelos castanhos, somados ao brilho do sol, causam um efeito de luminosidade que a ressalta. A nudez da personagem pode remeter ao seu nascimento ocorrido naquele momento divino, quase que testemunhado pelo espectador e pelos anjos. Mas tal nudez pode vir também para completar uma Vênus que tem um tom sensual e que quer mostrar a sua beleza ao espectador. Em outras palavras: uma Vênus que perde o seu tom divino para adquirir um tom mais mundano.

¹“Aphrodite”. IN: REID, Jane Davidson. *The Oxford guide to classical mythology in the arts (Volume I)*. New York, Oxford University Press, 1993. P. 112

Esse enigma da sensualidade se torna ainda maior se considerarmos a posição de Vênus: ela está deitada de forma a se mostrar para o espectador, deitada como que de lado, mas com parte do tronco reto, e com os braços emoldurando a cabeça, num abandono proposital. Outro ponto que colabora para a construção dessa Vênus sensual é o olho aberto, que não dá muitas referências para onde ela está olhando: pode ser um olhar “de canto” ou ainda um olhar perdido dentro da órbita.

Vênus não está sozinha nesse quadro: existem distrações para as quais ela pode estar olhando. Pode ser o sol que a desperta, que a tira do seu sono, do transe. Ela ainda pode estar observando os cinco anjinhos que estão acima dela. No lado direito do quadro, deslocados mais para frente da cena, estão três anjinhos. É interessante perceber a forma com a qual eles foram retratados, pois o espectador tem a impressão de que eles estão como que crianças curiosas: eles querem olhar para ela, chegar perto dela, tocá-la. O anjinho do meio demonstra em seu olhar até certa impaciência com os outros dois, pois ele parece empurrá-los para tentar chegar primeiro até ela. Já os outros dois anjinhos estão colocados num plano mais secundário em relação aos três. Portando grandes conchas marinhas como instrumentos de sopro, eles anunciam o nascimento de Vênus, seja para ela mesma ou para o próprio espectador². No geral, o conjunto dos anjinhos passa a impressão de que eles estão fazendo barulho, despertando a deusa. Seu olhar parece se dirigir ao primeiro anjinho, que quase chega a tocá-la.

Mas ela também pode estar olhando para o espectador, e seu olhar parece conter um prazer em estar ali se expondo, fechados pela satisfação, e que se abrem como que por um espasmo proveniente desse prazer, ou ainda para conferir se o espectador está olhando-a e admirando-a. Ao mesmo tempo, esse olhar pode estar perdido na órbita, também em referência ao prazer de saber sobre sua beleza e saber que está sendo observada, ou como que querendo causar prazer àquele que olha para sua beleza divinal.

A arte de Alexandre Cabanel e *O nascimento de Vênus*

A temática deste quadro já serviu de inspiração para muitos outros artistas. A deusa Vênus possui representações artísticas vindas desde a Antiguidade tardia³. Seu nascimento, ou o surgimento das águas (que também conferiram a ela o epíteto de Vênus “Anadyomene” – “saindo das águas”), não deixou de figurar como uma temática que também inspirou a muitos. Um deles foi o pintor francês Alexandre Cabanel (1823-1889).

²Segundo o *Dicionário de símbolos na arte*, “anjinhos”, em grego, significa “o que traz notícia”. (CARR-GOMM, Sarah. *Dicionário de símbolos na arte*. São Paulo, EDUSC, 2004.

³O guia de Oxford trás uma extensa lista de todos os autores que falaram sobre a deusa ou remeteram a ela em suas obras. A primeira citação data aproximadamente do ano de 1128 (“Aphrodite”. *IN*: REID, Jane Davidson. *The Oxford guide to classical mythology in the arts (Volume I)*. New York, Oxford University Press, 1993. P. 113).

Cabanel ingressou na École des Beaux-Arts de Paris quando tinha dezessete anos. Sua primeira exibição no Salão de Paris foi em 1844. Em 1845, foi ganhador do Prix de Rome. Em 1863 foi convidado a ser professor na École, logo após a sua participação no Salão daquele ano, com o quadro *O nascimento de Vênus*. A pintura obteve um enorme sucesso da crítica à época. Para alguns, ela é o exemplo do gosto oficial da arte no Segundo Império francês (tal colocação pode ter se dado pelo fato de que a obra, na ocasião, foi comprada pelo Imperador Napoleão III para sua coleção particular). Até hoje, Cabanel é mais conhecido por essa obra do que pelo resto de sua produção, formada por quadros históricos e pinturas alegóricas.

A arte produzida por Alexandre Cabanel segue os moldes da chamada Arte Acadêmica: a arte produzida nos modelos das academias de arte do século XIX (especialmente o exemplar francês), onde os alunos recebiam uma instrução formal, ancorada no ensino teórico e prático. Esta forma de arte vai seguir em par com os ensinamentos acadêmicos, que pregavam certos ideais artísticos como o rigor de estilo, a obediência às formas e linhas, o planejamento, dentre outros. A inspiração para os temas a serem explorados nessa arte acadêmica veio, sobretudo, de assuntos históricos e também da Antiguidade Clássica.

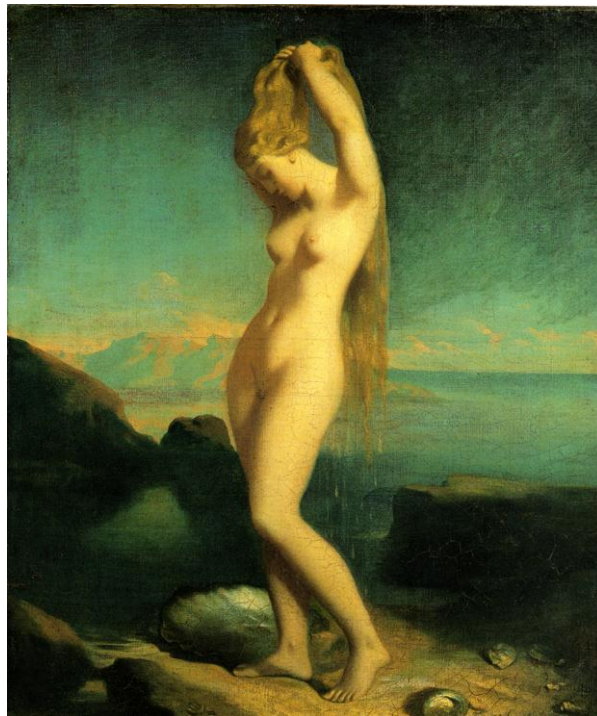
O nascimento de Vênus é um exemplar desta arte acadêmica que retoma a Antiguidade. A formalidade se mostra presente no detalhamento das figuras, na sua posição que parece ser planejada, na luminosidade clara e objetiva. A obra possui um caráter alegórico que claramente remete ao mito de Vênus, com uma certa adição de representações que com certeza não estariam presentes na mitologia: os anjos, que também não deixam de ser alegorias.

A representação do nascimento de Vênus ao longo do século XIX

Pela interpretação que aqui é feita do quadro, a Vênus de Alexandre Cabanel carrega consigo o enigma da sensualidade, da representação de uma deusa de aspecto mais mundano. Ao longo do curso tivemos contato com outras representações de Vênus, e essa aquisição de um caráter mais carnal apareceu quase como uma constante dentro das obras do XIX que foram vistas. Diferentemente de muitos modelos de séculos anteriores (que serviram como modelo para os artistas oitocentistas), as Vênus aqui aparecem de uma forma mais terrena. Porém, em muitos casos, tal aspecto terreno parece ter passado por tentativas de “camuflagem”, através da presença de elementos que ainda remetem a uma idéia de mito e de divindade. Por exemplo: os anjos. Não é apenas na obra de Cabanel que eles aparecem cercando a deusa. Talvez eles foram usados para remeter a uma divindade que tenta atenuar esse caráter terreno, ou ainda para frisar que esta sensualidade divina está inacessível aos homens. A grande maioria das representações de Vênus do XIX esconde, de uma forma mais ou menos requintada, a representação de mulheres de caráter mais mundano e sensual.

A personagem de Cabanel, sem dúvida, tem um apelo carnal que não é tão evidente, mas existe. Seu sucesso à época pode se explicar por essa sensualidade um pouco camuflada pelo mito e pelos anjos, que deram a ela seu caráter de deusa superior aos homens e a seus desejos. Pode se explicar seu sucesso, também, pela questão da moralidade: retratar o nu de uma personagem da mitologia antiga não era moralmente condenável à época, pois se tratava de algo distanciado daquela sociedade. Diferente de outros quadros de nu feminino que figuraram como rejeitados desse mesmo Salão, por terem sido interpretados como de enorme vulgaridade ao se encaixarem no contexto da sociedade francesa daquele momento.

Abaixo, colocam-se algumas imagens de quadros sobre o mito de Vênus produzidos no século XIX e abordados em aula, na tentativa de compor um panorama sobre a representação do nascimento da deusa ao longo do século pelos mais variados pintores.



Vênus Anadiômena, de Theodore Chassériau (1838). Óleo sobre tela (65X55 cm). Museu do Louvre, Paris

A Vênus de Chassériau é colocada aqui como a primeira das pinturas de Vênus do século XIX. O nome do quadro já designa, inclusive, a qual parte do mito se refere: do nascimento, do surgimento das águas. Com um fundo bastante misterioso (assim como boa parte das obras deste pintor), marcado pelo jogo de luz e sombras, a personagem aqui tem um caráter bastante mundano, que exhibe sua beleza oculta nas sombras para o espectador. Ela parece ter acabado de sair das águas, e confere sua beleza. Seu rosto está encoberto pelas sombras, deixando o espectador sem saber para onde (ou para o quê) ela olha.



Vênus Anadiômena, de Jean Auguste Dominique Ingres (1848). Óleo sobre tela (163x92 cm). Chateau de Chantilly, França.

A obra de Ingres é tida, em partes, como uma releitura da obra de Botticelli, *O nascimento de Vênus* (1485), mas não é tão rígida como a do pintor italiano, e tem um apelo muito mais carnal que a Vênus do século XV (por exemplo: ela não tenta esconder as partes do seu corpo com os cabelos). Aqui, os anjos estão presentes aos pés da deusa, admirando-a, protegendo-a, apontando sua beleza. Ela parece ignorá-los, e se foca muito mais em olhar indiretamente o espectador e mostrar sua beleza. É interessante perceber a diferença que a presença dos anjos (ou de qualquer entidade divina) causa na percepção da obra, pois o caráter carnal da deusa parece ficar menos evidente quando eles estão ali para lembrar o espectador de seu caráter divino. Nas obras em que apenas a deusa é representada, seu retrato de mulher sensual e provocativa é mais evidente, e ela parece só ser lembrada como deusa quando se percebe o nome do quadro. Se não fosse por isso, ela poderia até ser considerada apenas o retrato de uma mulher provocante, sensual.



O nascimento de Vênus, de Amaury Duval (1862). Palais des Beaux-Arts de Lille, França.

Duval era aprendiz de Ingres, e foi muito inspirado pela Vênus do pintor. A Vênus de Duval é muito semelhante, excetuando-se o cenário e a falta dos anjos. Porém, o caráter dela aqui é muito mais mundano do que no “quadro-modelo”, certamente também favorecido pela falta de elementos que dêem a ela o caráter divino.



Nascimento de Vênus, de William Bouguereau (1879). Óleo sobre tela (300x216 cm), Museu d’Orsay, Paris.

A Vênus aqui também lembra bastante o modelo presente na pintura de Ingres, mas a busca pela perfeição dos detalhes se mostra tanto na personagem principal como na

tentativa de dar à obra um fundo quase que de acontecimento, com a presença de anjos e também de personagens que com certeza tem referências mitológicas. Vênus aqui também tem seu tom de sensualidade, mas a presença de outras personagens na tela (tanto dos anjos como de outras que a contemplam – figuras femininas e masculinas) fazem com que sua sensualidade seja mais velada do que, por exemplo, em Cabanel, onde os anjos parecem não conseguir notar seu tom provocativo, figurando novamente como crianças sem malícia.



O nascimento de Vênus, de Henri Gervex (1896c.).

A semelhança com o quadro de Cabanel (do qual Gervex foi aluno) é bastante perceptível no que diz respeito à pose da personagem e também um pouco ao cenário. Aqui, Vênus não aparece cercada pelos anjos, mas sim sacudida pelas águas, que a trazem para a praia. A personagem demonstra aqui um aspecto mundano bem mais evidente do que no quadro que foi estudado neste trabalho. Ela se mostra ao espectador de forma inquestionável, e as águas servem para ela como um apoio para facilitar essa exposição. Aqui, sem dúvida, ela olha para o espectador, e mais do que isso: sorri de forma até maliciosa para ele.

Conclusão

De uma forma muito resumida, buscou-se aqui analisar uma obra de arte do século XIX que tem como figura central a mulher. Ao longo da disciplina, tivemos contato com uma série de “tipos” de mulheres, que figuraram nas diversas pinturas produzidas neste século.

A mulher que tem por trás de si toda uma história, de conhecimento geral, foi muito utilizada pelos pintores oitocentistas: mulheres bíblicas, históricas, mitológicas. Vênus se mostrou uma dessas mulheres inspiradoras, largamente representadas de formas que são mais ou menos parecidas entre si, por possuírem elementos em comum.

A Vênus de Alexandre Cabanel, como as muitas outras do século XIX, guarda em si a sensualidade feminina mundana, por mais que tenha elementos que busquem colocar isso em dúvida, como mostrou a interpretação feita. Por mais que Vênus esteja envolvida por todo o seu mito e seu caráter de divindade mitológica, ela não deixa de figurar como uma mulher que trás em seu corpo atrativos, que tem e que desperta desejos.

Ao comparar o quadro com outras obras do XIX buscou-se mostrar o quanto essa representação mundana se fez presente, e o quanto muitas dessas outras obras pareceram querer também encobrir este aspecto de mulher, com o uso de representações que remetem ao mito, tentando lembrar ao espectador que ali esta uma deusa superior, que é divinamente linda e inatingível aos homens e a qualquer um de seus desejos igualmente mundanos. Mas também houve aquelas em que esta preocupação não existiu, e são nesses casos que o aspecto mundano de Vênus se mostrou ainda mais aparente.

Bibliografia utilizada

livros

- *1000 obras-primas da pintura*. São Paulo, Martins Fontes, 2007.
- BARTOLENA, Simona. *Museu d'Orsay*. Rio de Janeiro, Mediafashion, 2009. (Volume 07 da coleção Folha Grandes Museus do Mundo).
- CARR-GOMM, Sarah. *Dicionário de símbolos na arte*. São Paulo, EDUSC, 2004
- GINANNESCHI, Elena. *Galeria Uffizi, Florença*. Rio de Janeiro, Mediafashion, 2009 (Volume 10 da coleção Folha Grandes Museus do Mundo).
- LANGMUIR, Erika; LYNTON, Norbert. *The Yale dictionary of art and artists*. USA, Yale University Press, 2000
- REID, Jane Davidson. *The Oxford guide to classical mythology in the arts, 1300-1190s*. New York, Oxford University Press, 1993. (volumes I e II)
- RUSSO, William Dello. *Gemaldegalerie, Berlim*. Rio de Janeiro, Mediafashion, 2009 (Volume 15 da coleção Folha Grandes Museus do Mundo).

Referências eletrônicas

- <http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/MGAfrodi.html>, acessado em 29/11/2010.
- http://www.pitoresco.com.br/art_data/academicismo/index.htm, acessado em 29/11/2010.

- World Gallery of Art (<http://www.wga.hu/>)
- Enciclopédia Itaú Cultural (www.itaucultural.org.br)